

## **A GEOGRAFIA DO COTIDIANO: O VIVER NO SÃO FRANCISCO E A ARTE DO SABER FAZER DOS PESCADORES<sup>1</sup>**

Mariana Aparecida Farias Almeida<sup>1</sup>  
Ana Paula Glinfskoi Thé<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse trabalho é identificar e analisar os aspectos socioculturais, econômicos e territoriais que envolvem os pescadores artesanais da cidade de São Francisco e a relação destes com os demais usuários do rio, seus anseios, seus hábitos, valores e costumes. A atividade pesqueira no município é caracterizada como pesca artesanal comercial e de subsistência, cuja maioria dos pescadores fabrica seu próprio material de trabalho e tem na pesca sua principal fonte de renda e alimento. O pescador artesanal é dotado de peculiaridades que o difere dos demais povos ribeirinhos, tendo como característica marcante um rico conhecimento empírico a cerca das variações do ciclo hidrológico e da biologia das espécies. O Rio São Francisco é o principal atribuidor da identidade do pescador, todo o seu ciclo social e econômico está intimamente relacionado a este ambiente natural. No convívio com rio, o pescador desenvolve um sentimento de topofilia por este ambiente atribuindo-lhe valores que evidenciam seu gênero de vida e cultura que são primordiais para estudos geográficos, sobretudo no que se refere à gestão do território e territorialidades.

**Palavras-chave:** Pescadores artesanais; Rio São Francisco; Saber Local, Território e Territorialidade.

---

<sup>1</sup> Pesquisa participante do Projeto FAPEMIG: “Gestão Compartilhada da Pesca no Alto-Médio São Francisco: histórico, possibilidades e desafios”.

## **THE GEOGRAPHY OF EVERYDAY: *THE LIVING IN SÃO FRANCISCO AND THE ART OF KNOW-HOW OF THE FISHERMEN***

**Abstract:** The objective of this work is to feature the local ecological knowledge, the daily activities, symbols, the access rules, the natural resources use and the territory, related to fishing in São Francisco / MG. The fishing activity in the city is characterized as commercial and subsistence, whose most artisan fishermen manufactures its own fishing equipment and has the fishing as the main source of income and food. The fisherman is equipped with peculiarities that differs him from other riverside people; his main feature is the rich empirical knowledge about the variations of the hydrological cycle and knowledge of biology of the species. The San Francisco River is the main assigner of the fisherman identity, their entire social and economic development is closely related to this natural environment. Living with the river, the fisherman develops a sense of topophilia with this environment by giving it values that show their gender of life and culture that are central to geographical studies, especially as management of territory and territorialities.

**Keywords:** Artisan Fishers; São Francisco River; Local Knowledge, Territory e Territorialities.

### **Introdução**

Desde os primórdios de sua existência o homem vem extraindo da natureza diversos recursos para satisfazer sua necessidade, nesse contexto, a atividade pesqueira artesanal se destaca como uma das mais primitivas e assume um papel de grande relevância principalmente para as populações ribeirinhas. Como pesca artesanal, entende-se, a pesca realizada dentro dos moldes da pequena produção mercantil. Trata-se de uma pesca realizada com materiais de baixa tecnologia empregando força de trabalho familiar ou do grupo de vizinhança através das relações de amizade e compadrio (DIEGUES, 1988).

Detentor de saberes essenciais e costumes tradicionais locais que caracterizam as populações ribeirinhas e fortalece o grande aparato cultural regional,

sobretudo o norte-mineiro, o pescador artesanal possui em sua memória relatos e imagens que podem ser explorados no contexto histórico-geográfico, cultural e econômico, afim de melhor compreender a importância da atividade pesqueira artesanal para região (MADEIRA, 2006).

Em tempos passados, a atividade pesqueira artesanal possuía um destaque mais relevante como atividade produtiva nas cidades ribeirinhas. Destacava-se como umas das principais atividades econômicas dessa região (PLANVASF, 1985). Contudo, com o avanço urbano-industrial dessas cidades, a construção de barragens, intensificação do processo de produção de agricultura irrigada e monocultura do eucalipto; o rio vem sofrendo frequentemente impactos ambientais que no decorrer dos anos têm alterado a dinâmica natural do ciclo das águas e a reprodução da ictiofauna local, o que acarretou na redução do número de pescados e na desvalorização da cultura pesqueira. Todavia é notória a pouca valorização cultural e comercial aplicada a essa atividade.

Estudar e pesquisar os pescadores, identificando o seu trabalho, seu lazer, sua família e comunidade, suas experiências, suas expectativas e frustrações tornam-se objeto de grande interesse e importância para a geografia, uma vez que o universo pesqueiro adentra em categorias essenciais para essa ciência, tais como: paisagem, lugar e território. Assim, a atividade pesqueira aparece como um setor produtivo que comporta questões eminentemente geográficas, tais como: a relação sociedade/natureza e a gestão do território (CARDOSO, 2001).

O presente estudo se faz necessário para um melhor diagnóstico a respeito das realidades locais dos pescadores com o meio. Tem-se como objetivo, identificar e analisar os aspectos socioculturais, econômicos e territoriais que envolvem os pescadores artesanais e a relação desses com os demais usuários do rio, seus anseios, seus hábitos, valores e costumes.

Para tanto, foi adotado como metodologia, a pesquisa quanti-qualitativa através de coleta de dados por meio da execução de entrevistas livres não-organizadas, entrevistas organizadas e observação participante. Foi realizado também, visita in lócus aos acampamentos de pesca e levantamento bibliográfico em teses, livros, artigos, ensaios, coleções, entre outros.

Essa pesquisa foi estruturada em três etapas: primeiramente realizou-se um le-

vantamento preliminar de dados coletados por meio de uma entrevista livre não organizada com um grupo de 15 pescadores artesanais profissionais escolhidos aleatoriamente residentes em vários bairros do município. No segundo momento foi feita uma visita aos acampamentos de pesca, com o intuito de caracterizar o ambiente e organização dos dados coletados nas entrevistas, onde foi possível caracterizar os lances<sup>2</sup> de pesca e estrutura dos mesmos, a organização territorial dos pescadores, divisão do trabalho, custos financeiros, manifestações culturais entre outros. Neste momento também, estabeleceu-se um diálogo com os pescadores onde eles relatavam suas vivências no rio, o saber-fazer e as dificuldades encontradas na pesca. E por fim as considerações finais.

O Rio São Francisco e a atividade pesqueira: um breve contexto histórico

Dentre as bacias hidrográficas brasileiras, a bacia do Rio São Francisco é caracterizada como uma das principais. O Rio São Francisco tem sua nascente histórica na Serra da Canastra, enquanto sua nascente geográfica localiza-se na Serra D'Água, ambas em Minas Gerais e deságua entre os Estados de Sergipe e Alagoas.<sup>3</sup>

A bacia do São Francisco é subdivida em quatro regiões sendo elas: Alto São Francisco (da nascente até a cidade de Pirapora – MG), Médio São Francisco (de Pirapora – MG até Remanso – BA), Sub-Médio São Francisco (de Remanso – BA até Paulo Afonso – BA) e Baixo São Francisco (de Paulo Afonso – BA até a foz). E, contempla fragmentos dos biomas: Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Litoral (GODINHO & GODINHO, 2003).

A região hidrográfica abrange 521 municípios e seis Unidades da Federação: Bahia (48,2% da área da bacia), Minas Gerais (36,8%), Pernambuco (10,9%), Alagoas (2,3%), Sergipe (1,1%), Goiás (0,5%), e Distrito Federal (0,2%). O Rio principal possui 2.700 quilômetros de extensão, razão pela qual floresceram em suas margens várias cidades e vilarejos, entre elas São Francisco – MG. Seus maiores afluentes são: Paraopeba, das Velhas, Paracatu, Urucuia, Corrente, Grande, Jequitaiá e Verde Grande (IBAMA, 2007).

<sup>2</sup> Lance ou lanço é uma unidade territorial de pesca, localizado geralmente em acampamentos que ficam as margens do rio (CARDOSO, 2001).

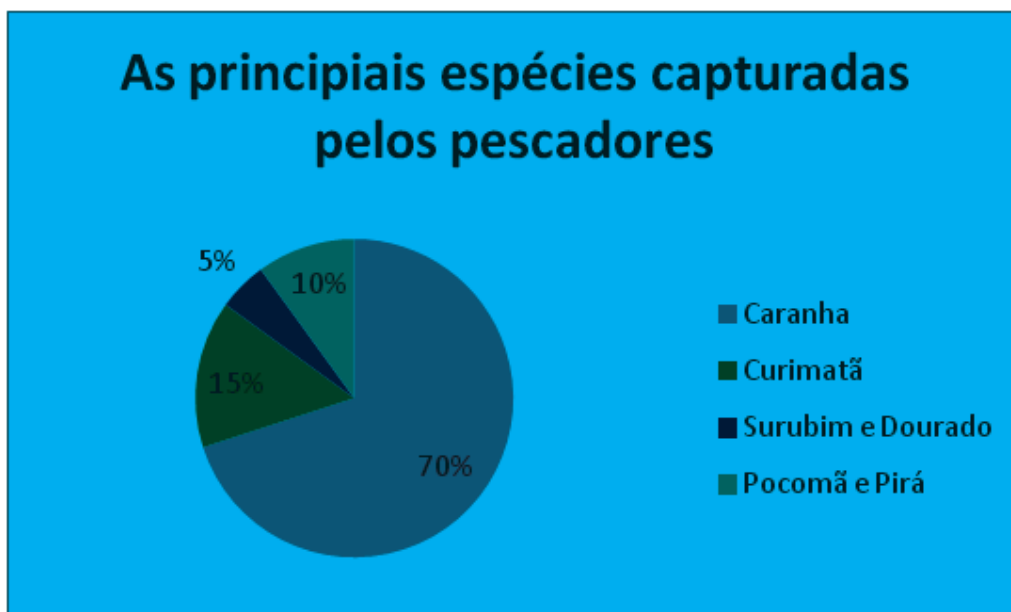
<sup>3</sup> Programa de Revitalização da Bacia do São Francisco – Estatísticas de Desembarque Pesqueiro – Censo Estrutural da Pesca 2006 – IBAMA. Disponível em <http://www.sfrancisco.bio.br/arquivos/IBAMA001.pdf>. Acesso em maio 2011.

Por ser o maior rio inteiramente brasileiro, o “Velho Chico” apresenta um longo trecho navegável e, ao mesmo tempo, grande potencial hidrelétrico, diversificando o uso de sua bacia. Representa para o Brasil um caminho de integração de extraordinária importância, por unir regiões de considerável pluviosidade (Centro Oeste e Sudeste) ao semi-árido nordestino, aproximando ainda suas raças, culturas e interesses diversos. Por isso é conhecido como “Rio da Integração Nacional” (IBAMA, 2007).

Relativo aos aspectos populacionais 13,3 milhões de pessoas habitam a Bacia do São Francisco, distribuídos no Alto com 48,8%, Médio São Francisco com 25,3%, Sub-Médio 15,2% e Baixo São Francisco 10,7% (IBGE, Censo Demográfico 2010). Nota-se que a bacia do São Francisco abastece grande parte da população brasileira, assim o seu uso sustentável é de suma importância para que se possam manter os sistemas locais, sobretudo o da pesca artesanal. Historicamente o Rio São Francisco foi umas das principais fontes de pescados de água doce brasileiras, ele fornecia peixes suficientes para alimentar sua população ribeirinha e abastecia o mercado do Nordeste e Sudeste do Brasil.

Antigamente tinha muito mais peixe, antigamente ai, meu pai mesmo pescava 700 a 800 quilos de surubim em uma semana entendeu, ai ele salgava e colocava no sol e vendia na região. Agora pega 700 a 800 no ano e olhe lá, antigamente era por semana, era muito bom viu. (BUTINHA – pescador 30 anos).

São inúmeras espécies as presentes nesse ambiente. Segundo Britski et al. (1986), existem cerca de 158 espécies de peixes no rio, mas novas espécies têm sido descritas com frequência pois muitas foram introduzidas na bacia e hoje têm populações estabelecidas. Dentre as espécies de maior importância para a pesca se destacam: a Curimatá-pacu (*Prochilodus argenteus*), cutimatá-pioa (*Prochilodus costatus*), dourado (*Salminus brasiliensis*), matrinhã (*Brycon orthotaemia*), pirá (*Conorhynchus conirostris*), o surubim (*Pseudoplatystoma coruscans*) e a caranha (*Piaractus mesopotamicus*) (GODINHO & GODINHO, 2003). Das espécies citadas acima, as mais pescadas em São Francisco segundo os pescadores são a caranha e o curimatá. O surubim e o dourado, peixes de maior valor econômico, quase não tem aparecido e são raros, como podemos identificar no gráfico a seguir.



**Gráfico 1:** Tipos de espécies capturas em porcentagem  
Fonte: Pesquisa de campo, Abril, Junho e Outubro, 2010  
Org: ALMEIDA, M.F.A, 2011.

Tendo em vista a grande extensão do rio principal e a área de drenagem da bacia, a região do Vale do São Francisco é, principalmente o Médio São Francisco, umas das que mais se destacam na produção pesqueira, mesmo sendo estes capturados por técnicas rudimentares e embarcações antigas, porém não se sabe exatamente a quantidade de toneladas que são pescadas e comercializadas por falta de dados estatísticos mais precisos. Em 1985, o Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale São Francisco – PLANVASF quantificou a produção de pesca em 26.160 toneladas. No ano de 2006 a produção pesqueira possuía uma média 15 toneladas<sup>4</sup>, nota-se uma queda de aproximadamente 42% na produção de pescados. São vários entraves que atrapalham a coleta de dados no setor pesqueiro, entre eles se destacam: a falta de investimento em pesquisas para o setor, a falta de organização social da comunidade pesqueira e relação conturbada entre os pescadores e as colônias.

<sup>4</sup> VerRelatório Final do Censo Estrutural da Pesca (IBAMA, 2007), no qual é possível obter informações mais precisas a cerca da atividade pesqueira na bacia. Disponível em <http://www.sfrancisco.bio.br/arquivos/IBAMA001.pdf>. Acesso em maio de 2011.

As colônias são associações sindicais que asseguram a situação trabalhista dos pescadores, através do apoio ao processo de emissão da carteira de pescador profissional, o Registro Geral da Pesca (RGP), fornecido pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) e, fazem a interlocução entre a produção de pescados e a comercialização, o que facilitaria controlar a produção de pescados. Contudo, há pescadores que comercializam sua produção de maneira independente, com atravessadores e donos de peixarias, mesmo sendo registrados oficialmente como pescadores profissionais pela Colônia. No município de São Francisco muitos pescadores relataram que comercializavam os pescados com os donos das peixarias e durante as entrevistas foi possível perceber que a relação dos pescadores com a Colônia local (Z-3) é um tanto quanto conturbada, pois muitos afirmaram não participar das reuniões, por não serem informados sobre as mesmas ao longo do ano, pagando apenas a taxa sindical mensal para terem o RGP atualizado todo o ano pela mesma.

### **Caracterização da Área de Estudo: A Cidade de São Francisco**

Fundada em 1877, por Domingos do Prado e Oliveira, nasce a Fazenda Pedras de Cima, entre a beleza do rio das pedras e dos angicos, que posteriormente se transformou em uma cidade. Essa foi batizada por vários nomes como: Pedras de Cima, Pedras dos Angicos, São José das Pedras dos Angicos, São Francisco das Pedras e por fim numa homenagem ao rio, foi sacramentado o nome definitivo, São Francisco (BRAZ, 1977). Assim, São Francisco é um município brasileiro situado às margens do rio São Francisco, em Minas Gerais, cuja sede se localiza à margem direita, conforme o mapa 1.





Segundo o levantamento feito pelo o MPA (2011) existem em média 1126 pescadores artesanais em São Francisco.

## **Caracterização Socioeconômica dos Pescadores**

Os pescadores da cidade de São Francisco possuem como características socioeconômicas, o baixo índice de escolaridade, sendo a maioria analfabetos ou semi-analfabetos e baixa renda per capita. Entre os pescadores entrevistados foi possível perceber que a maioria não possuía o ensino básico completo, antiga 4ª série, principalmente os pescadores mais velhos, acima de 45 anos. Entre os pescadores mais novos muitos não concluíram o ensino fundamental, como observado no “Lance de Pindô”, onde pescadores afirmaram nunca terem freqüentado a escola, inclusive uma adolescente de 13 anos filha de pescadores.

No que se refere população jovem, filhos de pescadores, grande parte freqüenta a escola. Ainda assim, é frequente notar a evasão escolar entre os filhos de pescadores cuja faixa etária gira em torno de 12 a 16 anos, principalmente os que residem na área rural e na Ilha do Lajedo. Durante a entrevista quatro jovens disseram que abandonaram os estudos, tendo como principais motivos as dificuldades de acesso a escola e a necessidade de ajudar a família na pesca e na lavoura. Assim poucos são os que chegam ao nível superior de ensino, geralmente param de estudar no ensino médio:

Parei de estudar na 7ª série, minha família mora aqui do outro lado do rio, ou a gente atravessava esse rio todos os dias para ir a escola, ou morava com os parentes em São Francisco, ficava difícil. E também meu pai já tava ficando meio velho pra vir ao rio sozinho, aí ficava com medo de deixar ele só, comecei a pescar com ele direto, acabei deixando a escola (CARLOS, pescador profissional, 23 anos).

É importante ressaltar que o baixo índice de escolaridade é comum na categoria da pesca artesanal praticamente em toda bacia, como observado no estudo feito por Madeira (2006) nos municípios de Três Marias, Pirapora e Ibiaí onde cerca de 27% dos pescadores entrevistados não freqüentava

a escola e 5, 4% nunca tinha freqüentado. Por serem analfabetos ou semi-analfabetos muitos pescadores não conseguem emprego em outros setores da economia local, contexto de baixa oportunidade de emprego forçando grande parte da categoria profissional da pesca artesanal escolher por falta de alternativa a pesca como estratégia de sobrevivência. Atualmente o número de pescadores cadastrados nas colônias vem aumentando constantemente. Muitos são denominados de pescadores de carteira<sup>6</sup>, referência a pescadores que não exercem a atividade ou que “só aparecem quando a pesca está boa”, o que pode estar contribuindo na sobrepesca e superexploração dos recursos pesqueiros:

Tem muito pescador ai que não é pescador, só atrapalha. Agora mesmo você não ver ninguém pescando, mas se a água suja e começa a aparecer peixe ai aparece um monte de pescador, principalmente esses pescador de seguro, só na hora que o peixe da fácil, que a pesca tá boa. Na hora difícil você não ver quase ninguém no rio, quando enche atrapalha a gente que tá aqui todo dia (SR. MANOEL, pescador profissional – 62 anos).

Outra característica socioeconômica marcante nos pescadores é a baixa renda mensal. Os pescadores artesanais juntamente com suas famílias sobrevivem praticamente dos recursos pesqueiros, ou melhor, da produtividade de sua atividade, a qual é muito inconstante e dependente da opção da estratégia de pesca adequada às condições climáticas do ambiente aquático e do comportamento migratório das espécies de peixes, aspectos bem variáveis ao longo do ciclo anual (THE, 2003). A única renda fixa no ano refere-se ao recebimento no período do defeso do seguro desemprego pago com recursos do Fundo do Amparo ao Trabalhador (FAT) para pescadores artesanais profissionais durante os meses de proibição da atividade extrativista comercial em Bacias Hidrográficas onde ocorrem o fenômeno de “piracema” dos peixes (migração típica associada ao período reprodutivo das espécies da fauna íctia).

Estudos feitos por Thé (2003) relatam que grande parte das famílias de pescadores do Alto-Médio São Francisco possui uma renda per capita de até meio salário mínimo (50%) e 19% de até um salário mínimo. Em São Francisco

*6 O termo pescador de carteira é utilizado pelos pescadores artesanais profissionais mais antigos para caracterizam os pescadores que não sobrevivem da pesca, ou seja, aqueles grupos de pescadores que são registrados pelas colônias mas não praticam a atividade pesqueira.*

cerca de 87% por cento dos pescadores possuem como renda bruta um salário mínimo. E, para complementar a alimentação, muitos pescadores praticam a agricultura de vazante e comercialização do excedente, assim eles plantam: feijão, milho, mandioca, abóbora, melancia, entre outros:

Eu pesco e mexo com vazante também, planto feijão, mandioca (dá para fazer a farinha) se for comprar de tudo o dinheiro não dá. Só roça e rio. Planto abóbora, mandioca, melancia, milho, é no rio mesmo, na beira de rio mesmo (SR. TÔI GURY, pescador profissional – 60 anos).

No que se refere ao grupo familiar, nota-se que esse geralmente é numeroso, apresentando de cinco a seis membros. A maioria das famílias é do tipo nuclear (pai, mãe e filhos), mas também há muitas famílias compostas, formada por avôs, netos, sobrinhos e demais agregados.

### **As relações socioterritoriais e socioculturais dos pescadores com o rio**

As relações sócio-espaciais, sócio-econômicas e culturais dos pescadores estão intimamente ligadas ao rio São Francisco já que é nesse ambiente que eles reproduzem seus modos de vida. No rio São Francisco, como lugar de tradições e fonte de renda para muitas famílias ribeirinhas, o pescador artesanal aparece como autor do processo de construção de uma identidade socioterritorial, sendo essa expressa no convívio com o rio por meio do saber-fazer e das manifestações culturais e simbologias locais. Para Haesbaert (1999) a identidade socioterritorial trata-se:

de uma identidade em que um dos aspetos fundamentais para a sua estruturação está na alusão ou referência a um território tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim a identidade social é uma identidade territorial quando o referente simbólico central para construção desta identidade parte do ou transpassa o território (HAESBAERT, 1999, p. 178).

Todos os processos de construção e manutenção das identidades socioterritoriais necessitam de suporte espacial, onde o “ser” do rio é indissociável do “estar” no rio (GONÇALVES, 2002). O “espaço-rio” transforma-se em território e é ao mesmo tempo produzido e produtor do processo de identificação dos pescadores (COSTA, 2005). O sentimento de pertencer ao rio é marcante nas falas dos pescadores, o “espaço-rio” é sagrado, cheio de simbologias e lendas. Para eles o rio representa suas histórias, os vínculos de amizade e compadrio que são estabelecidos, o refúgio, a morada. O que corrobora com Hall apud Haesbaert (1999):

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólico. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias”: suas “paisagens” características, seu senso de lugar, de casa/lar, de heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas [...] (HAESBAERT, 1999 p. 179).

É importante ressaltar que o processo identitário se dar não apenas pelo princípio material, mas também, por meio do processo de pertencimento e pelo princípio cultural. Os pescadores vivem “do rio”, “com o rio” e “para o rio”, sendo estas relações com o meio muito além do valor econômico, criando-se um laço territorial pautado na simbologia e tendo este espaço como sagrado. Ribas (2004) afirma que:

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico (RIBAS, 2004, p.110).

Dar-se ai a construção de um processo de territorialidade, o espaço rio se torna lugar à medida que lhe é atribuído definição e significado (TUAN, 1983), “à medida que o conhecemos e dotamos de valor” (MACHADO, 1999, p.98).

O rio é tudo, a família da gente foi criada através do rio, tudo, meu pai, minha mãe, meus avôs, meus primos, muita gente. Sempre morei aqui próximo ao rio, nasci onde meu pai pesca hoje, aqui onde estamos tá longe do rio, lá ta

próximo, mas próximo mesmo, o rio pra nós representa tudo, a vida, a saúde que agente tem, não sei o que seria de nós sem esse rio. Criei mês filhos com pesca, a asa que tenho foi com a pesca. É no rio que pesco, conheço bem esse rio, os lugares bom pra pescar, converso com os amigos, conheço todos que pescam nesse rio, e muito bom está no rio, sinto liberdade, paz, o rio me passa tranqüilidade e sossego (ZÉ VARELO, pescador profissional – 59 anos).

Para Silva (2008), os pescadores constroem as vivências socioterritoriais através das experiências adquiridas no cotidiano pela tradição e cultura. A maioria dos pescadores aprendeu o ofício da pesca com o pai. Percebe-se que os saberes locais dos pescadores são e repassados de geração a geração, disseminando a cultura pesqueira e a arte do saber-fazer e ser do rio (THÉ, 2003; MADEIRA, 2006; VIEIRA, 2008).

Comecei a pescar dos 13 para os 14 anos de idade, ia para rio com meu pai, fui criado aqui nessa beira de rio, vinha todo dia tomar banho, tinha mania de tecer aquelas tarrafinhas pequenas, geralmente de 2 metros e pouco, tecia de 17 cm e começa jogar no rio e pegava uns peixinhos bem pequenininhos, era uma alegria que só, ficava entusiasmado em mexer com a rede, ai comecei ajudar meu pai nas pescarias dele (BUTINHA, pescador 30 anos).

Corroborando com a fala do pescador acima, Côrrea (1991) afirma que:

A reprodução dos grupos sociais faz-se através de muitos meios. A transmissão do saber, formalizada ou não, constitui um. Outro, e dos mais importantes, é a organização espacial. Ao fixar no solo os seus objetos, frutos do trabalho social e vinculados as suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio (CÔRREA, 1991, p.55).

Ainda, na construção do processo identitário do pescador, o conceito de paisagem não se abrange somente aos aspectos naturais, ele é formado por

meio das relações que os pescadores estabelecem com rio, formando assim uma paisagem cultural cuja definição seria “a expressão da mente humana e da evolução da natureza, numa conexão recíproca e indissociável” (BUNKSE apud HOLZER, 1999, p. 157). Desse modo a paisagem cultural não é uma realidade objetiva, segundo Claval (2001, p.58) o “seu papel na vida dos grupos humanos é mais complexa do que geralmente se pensa. Ela desempenha papel de suporte de mensagens e símbolos” e, é experienciada por meio dos sentidos humanos, onde as Geografias vividas dependem da audição, da visão, do olfato, do sentido de tocar.

### **O Saber Fazer no São Francisco: *Regras de Uso de Território e Saberes Locais***

A experiência espacial dos pescadores é muito importante no ofício da pesca, conhecer o rio é uma característica elementar para o sucesso econômico na atividade, “para mim o pescador é aquele que conhece o rio, que vem ao rio pescar, conhece cada pescador que transita nessas águas e sabe os locais bons pra pesca” (Sr. Justino, pescador de 64 anos). Nota-se assim um processo de territorialidade no rio, o “pertencer aquilo que nos pertence” (SANTOS, 2000, p.19).

Cada grupo de pescadores possui os locais específicos para executarem seu trabalho, denominados de “acampamentos”, “sítios”, “lances” ou “lanço de pesca”. Os “lances” são acampamentos de pesca onde um determinado número de pescadores se une para tentar maximizar produtividade de pescados e baratear os custos da produção. Em São Francisco foram visitados nove acampamentos de pesca, conforme o mapa 2 a seguir. Manter o grupo coeso é a maneira mais eficaz de solidificar o campo de relações e valores constituintes da identidade. Os pescadores “disputam seu lugar no espaço, procuram se territorializar, definindo as pessoas pertencentes àquele grupo e àquele território, segregando-se dos outros ou sendo segregados” (COSTA, 2005, p.87).



**Mapa 2:** Localização dos acampamentos de pesca no município de São Francisco

O direito de pescar nos lances é herdado de pai para filho, comprado ou cedido pelo dono do local por meio de regras informais (THÉ, 2003). Para Santos,

O território é imutável em seus limites, uma linha traçada de comum acordo ou pela força. Este território de comum acordo ou pela a força. Este território não tem forçosamente a mesma extensão através a história. Mas, em um dado momento, representa um dado fixo. Ele se chama espaço, logo que encarado segundo a sucessão histórica de situações de ocupação efetiva de um povo, do trabalho realizado segundo as regras fundamentais do modo de produção adotado é que o poder soberano torna em seguida coercitivas (SANTOS, 1986, p.189).

Nota-se uma reordenação territorial no qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõe o homem enquanto pertence a uma cultura (RAFFESTIN, 1993), organizado de forma hierárquica, onde “falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que mesmo não sendo traçado, como em geral não ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato a delimitação” (RAFFESTIN, 1993 p. 153).

Os acampamentos de pesca possuem praticamente as mesmas características, contudo cada qual apresenta suas especificidades. Os pescadores alojam em barracas de lonas que são montadas nas margens do rio sob uma cobertura de palha, improvisam o fogão onde fazem a comida, usando como materiais pequenos gravetos (lenha) e pedaços de tijolos. Sobrevivem sob baixas condições de vida, a alimentação básica e composta por peixe, abóbora, feijão e farinha. Possuem um modo de vida bem simplório, tendo como principal companhia o rádio de pilha, os amigos que os acompanham e, sobretudo o rio São Francisco.

Os pescadores passam em média 15 dias acampados no lance, eles se dividem em duplas para pescarem, geralmente cada um já tem o seu parceiro de pesca. Cada dupla tem em média 1 hora para lançar a rede que desce a deriva, retornam e a outra dupla desce, eles se organizam por ordem de chegada e o sistema funciona através do rodízio das duplas.

No lance da Ilha do Pocomã o tempo estimado é de duas horas para cada dupla, os demais o prazo é uma hora. O Lance da Cidade é considerado um lance livre, onde qualquer pescador profissional tem o direito de pescar, esse se localiza no perímetro urbano, próximo ao Cais, e não há custos com limpeza<sup>7</sup>. Os demais possuem “donos” onde só se pode pescar um grupo fechado de pescadores que contribuíram para limpeza do lance e dividiram as despesas gastas nesse processo, os demais que não participaram necessitam de autorização dos “donos”.

No que se refere à produtividade, nota-se que essa é muito baixa na maioria dos lances, a captura de pescados é em torno de 2,5 Kg dia por pescador. O

---

<sup>7</sup> A limpeza do lance ocorre quando os pescadores retiram do rio as “pauzadas”. Eles mergulham no rio, retiram os tocos das árvores que ficam sob as águas, assim não há risco de estragar os materiais usados bem como facilita a captura dos pescados.



lance de Pindô diferencia-se com uma produtividade maior e também com um número maior de pescadores. Nesse lance, os pescadores possuem uma relação de dependência/sujeição ao Pindô, onde os materiais – redes, barcos, combustíveis, gelo, alimentos - utilizados nas pescarias são fornecidos por ele, em troca de comprar os peixes do grupo por preços mais baixos.

No ofício da pesca o “saber-fazer” é de suma importância para a execução e aprimoramento do trabalho, como por exemplo, a aplicação de técnicas e materiais e/ou apetrechos diferenciados para cada época de ano e para cada tipo de espécie que se quer capturar. Segundo o Sr. Eli, “pescador que é pescador tem que saber fazer uma rede, consertar uma tarrafa, sabe nadar, sabe o lugar bom pra pescar, conhece o peixe pelo pulo, sabe quando ele está ovado, conhecer o canto do peixe, distinguir as fêmeas dos machos, etc.” (Pescador profissional – 30 anos).

Os materiais e/ou apetrechos e as técnicas utilizadas pelos pescadores são bem rudimentares. Dentre os materiais e/ou apetrechos mais usado se destacam a rede de “nylon mole”, de “nylon seco”, a tarrafa e o anzol, porém o anzol é mais usado nas águas sujas (período das cheias). No período das cheias a pesca do surubim torna-se mais prática, segundo Sr. Justino “pegar surubim com as águas sujas é melhor para ele, porque ele anda, levanta, desloca, fica melhor pro surubim e pra gente pegar” (Pescador profissional – 64 anos).

A rede e tarrafa são bem parecidas, o que as diferenciam são o tipos de materiais que são usados em ambas, na tarrafa usa-se chumbo (para que está afunde) e na rede usada na pesca a deriva utiliza-se bóias de isopor (para que ela fique na flor d’água). Tanto as redes quanto às tarrafas possuem aberturas que são denominadas de malhas, para cada espécie usam-se um determinado tamanho, o tamanho mínimo da malha estabelecido pelo IEF é de 14 centímetros “entre nós” (diâmetro da malha), assim evita-se a captura de indivíduos imaturos ou que ainda não se reproduziram ao menos uma vez, como se pode observar no quadro 1.

### Quadro 1: Relação das espécies capturadas de acordo com o tamanho das malhas

	Malha 16 cm	Malha 17 cm	Malha 20 cm	6 cm Manjumbeira
Rede(Flor d' água)	Dourado, Surubim, Pocomã, Curimatá, pirá	Dourado, surubim, pirá	É mais apropriado para a captura da caranha	Usada para pegar iscas – Piauí, curimatá
Tarrafa	Surubim, Dourado, Curimatá (quando ela está comendo)	Curimatá, Dourado, caranha	Surubim, caranha, dourado	Usada para pegar iscas – Piauí, Curimatá (filhotes)

**Fonte:** Pesquisa de Campo, Outubro de 2010.

Organização: ALMEIDA, M. F. A, 2011.

A Manjumbeira é um tipo de rede proibido pelo IEF, devido ao tamanho de sua malha que deveria ser no mínimo de 8 cm para tarrafa de captura de iscas.

O ato da pesca em si envolve todo um ritual, é preciso “saber lançar a rede, armá-la, conhecer o peixe, sentir o peixe passando” (Sr. Manoel – pescador profissional, 63 anos). Na execução do trabalho de pescar, os pescadores possuem uma rotina estabelecida, geralmente acordam bem cedo e passam o dia todo pescando, a pausa para as refeições são bem curtas e muitos pescam durante a madrugada.

Outro fator importante é as oferendas que eles fazem aos “seres” que habitam as profundezas das águas como pedido de proteção. Assim, a pesca é uma atividade que envolve uma simbologia encantadora e as histórias dos pescadores permanecem enraizadas nas memórias, como o relato abaixo:

Moça eu já vi de tudo nesse rio, certo dia via um bicho estranho, pensei que era um surubim passando, mas não era não, fiquei assustado que só, era muito grande, grande mesmo. Lembrei que meu pai me falava do Caboclo D' água quando eu ia pescar com ele, ai pensei que era o tal bicho, ai coloquei fumo com pinga na beira do barranco como oferenda pra ele, ai no outro dia não tinha nada lá...era o bicho, era o cabloco d' água. (SR. ELI – pescador, 30 anos).

Alguns pescadores relatam que o desrespeito com o rio, ou seja, a degradação ambiental faz com o que desperte a fúria desses “seres”, desse modo eles respeitam o rio para que não recebam sanções “supra-terrenas”, como sofrer um naufrágio, perder os anzóis e as redes enganchadas no fundo do rio, entre outros,

As consequências oriundas da degradação do Rio São Francisco também intensificam o processo de desculturação, aculturação e perda identitária das comunidades tradicionais, sobretudo os pescadores, que dependem diretamente das variações dos ciclos ambientais e da bioecologia dos recursos pescados (THÉ, 2008). Madeira (2006) em seu trabalho sobre os relatos e imagens dos pescadores do Alto-Médio São Francisco, em depoimentos dos pescadores mais velhos observou com frequência a percepção de que quando o rio sofre o risco de morrer, todo seu modo de vida junto com rio o mesmo risco. Sendo a relação pescador/rio complexa, relacionando saberes, símbolos, mitos, estratégias de trabalho e sentimentos de pertencimento ao lugar/ambiente, a gestão da atividade pesqueira para a promoção da conservação ambiental e sustentabilidade dos modos de vida ligados a essa deve envolver todos os agentes sociais (comunidades de pescadores, representantes do Estado, ONGs, entre outros) em prol da restauração e conservação ambiental, entendendo a cultura pesqueira como parte da formação e identidade deste e por isto, parte integrante do ecossistema, no caso o Rio São Francisco, que impactado, deve ser regenerado (BERKES et al, 2003).

## **Considerações Finais**

Desde os primórdios a atividade pesqueira é algo que se destaca na história do Município de São Francisco. Através das experiências vivenciadas no rio homens e mulheres deixam como legado uma memória da atividade pesqueira que integram o diverso aparato cultural do Norte de Minas. O ser Humano, como ser social, molda o espaço transformando este em seu território. No convívio com rio, o pescador desenvolve um sentimento de topofilia por este ambiente atribuindo-lhe valores que evidenciam seu gênero de vida e cultura refletindo a integração que possui com o meio natural para além da perspectiva econômica, produzindo uma perspectiva afetivo-cultural que se materializa no seu lugar de vida, o Rio São Francisco.

O território pesqueiro é produtor e re-produzido pelos pescadores, pois as relações territoriais se dão por meio do trabalho e dos vínculos de amizade que são estabelecidos entre a comunidade pesqueira. Pode-se dizer que o território geográfico depende da maneira de como os pescadores utilizam o espaço rio para produzirem os meios necessários para sua sobrevivência (o saber-fazer) e existência (o ser), logo eles aproveitam os recursos que o rio lhes oferece tanto no aspecto econômico quanto no aspecto sociocultural.

Donos de um saber considerável acerca dos fenômenos da natureza (período de reprodução das espécies, condições climáticas, regime fluvial entre outros), os pescadores fazem da pesca um ritual, no qual a riqueza e a difusão folclórica (mitos) compõem a arte do saber-fazer e do ser pescador.

Vale salientar que o pescador está inserido em um ambiente conflituoso, agravado pela poluição do rio, pela disputa de território visando a maximização da produção de pescados e pela sociedade urbana que o cerca, o que acarreta em um surgimento de conflitos socioeconômicos e socioculturais, bem como escassez de pescados e desvalorização cultural.

As relações socioambientais e socioculturais se dão por meio de simbiose, os pescadores ao defenderem a conservação ambiental do São Francisco, defendem seu modo de vida, sua identidade e sua cultura. Espera-se que as informações pautadas nesse trabalho tenham contribuído para um maior conhecimento acerca do mundo da pesca artesanal do Rio São Francisco em suas múltiplas facetas, demonstrando assim a importância que essa atividade detêm na manutenção da cultura local, bem como para a sobrevivência de diversas famílias. É nesse contexto que uma importante cultura norte mineira é divulgada, uma identidade é defendida e um ambiente sustentavelmente almejado.

## Referências

BERKES, F.; COLDINF, J. & FOLKE, C. 2003. **Navigating social ecological systems: building resilience for complexity and change**. Cambridge University Press.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Disponível em [www.mpa.gov.br](http://www.mpa.gov.br). Acesso em maio 2011.

BRAZ, B. **São Francisco nos caminhos da História**. São Francisco: Lemi, 1977.

CARDOSO, E.S. **Geografia e Pesca: Aportes para um modelo de gestão**. Revista do Departamento de Geografia. São Paulo (SP), n. 14. 2001, p. 79-88.

CLAVAL, P. O papel da geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHAL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COSTA, A. L. **Alguns aspectos sobre a pesca artesanal no Brasil**. Disponível em [www.icsf.net/cedepesca/presentaciones/lobocostas/lobocosta.doc](http://www.icsf.net/cedepesca/presentaciones/lobocostas/lobocosta.doc). Acesso em junho de 2009.

COSTA, B.P. As relações entre o conceito de território, identidade e cultura no espaço urbano: Por uma abordagem microgeográfica. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHAL, Z. (Org.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

DIEGUES, A.C.M. **Formas de organização da produção pesqueira: alguns aspectos metodológicos**. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E O MAR NO BRASIL, 2, São Paulo, 1988. Coletânea de trabalhos apresentados. São Paulo, PPCAUB/F. Ford/UICN.

GODINHO, H.P; GODINHO, A. L. Breve visão do São Francisco. In: GODINHO, H.P; GODINHO, A. L, (Org.). *Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

GONÇALVES, C.W.P. “**Da geografia às geografias: um mundo em busca de novas territorialidades**”. In: CECEÑA, A.E. e SADER, E. (Org.). *A guerra infinita: hegemonia e terror mundial*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

HOLZER, W. Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: resultado do universo. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 29 de Nov. de 2010.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental - a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 121-138.

MADEIRA, T.F.L. A CAMINHO DO RIO: Um estudo sobre as relações de gênero e meio ambiente entre os(as) pescadores(ras) do Alto-médio Rio São Francisco. 2006. **Dissertação**(Mestrado), PPCS/UFSCar. São Carlos, SP.

Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco. **Programa de Pesca e aquíicultura / Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco – Relatório Final**. Brasília: PLANVASF, 1989.

Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do São Francisco. Estatística de Desembarque Pesqueiro – **Censo Estrutural da Pesca 2006**. IBAMA, 2007. Disponível em <http://www.sfrancisco.bio.br/arquivos/IBAMA001.pdf>. Acesso em maio de 2011.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBAS, A.D; SPOSITO, E.S; SAQUET, M. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Território e Sociedade**. São Paulo: Cromosete, 2000.

THÉ, A.P.G. 2003. “**Conhecimento Ecológico, Regras de Uso e Manejo Local dos Recursos Naturais na Pesca do Alto-Médio São Francisco, MG**”. Tese de doutorado, PPG- ERN/UFSCar, São Carlos, SP.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento local ecológico na pesca do alto-médio São Francisco: contribuição aos estudos da relação sociedade-natureza e da gestão de território**. VII Encontro Regional de Geografia. Unimontes: 2008.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, J.V.2008. A arte do trabalho e o trabalho da arte: dinâmicas socioculturais dos pescadores artesanais da cidade de São Francisco – Norte de Minas. **Monografia – TCC**. Curso de Bacharel em Ciências Sociais, Unimontes, 2006.

**Recebido para publicação em junho de 2011**

**Aceito para publicação em agosto de 2011**

